

Como cobrir uma grife

É 30 de agosto de 2001 e grande parte dos brasileiros estão em frente dos aparelhos de TV. Toda a programação da Televisão aberta brasileira é alterada. As emissoras fazem a cobertura do sequestro do empresário e apresentador Sílvio Santos.

Uma casa, uma mansão no bairro do Morumbi na capital paulista. Para ali convergem as lentes por quase de cinco horas. Sílvio Santos estaria no interior da residência com duas armas apontadas contra si. Era o seqüestrador de sua filha que retornara.

Por que? Ninguém responde a esta pergunta. Os âncoras das televisões aventavam hipóteses, na falta do que é mais é mais precioso ao jornalismo: a informação.

Além das equipes das diversas mídias, contornam a frente da casa muitas viaturas das forças policiais e um grupo de curiosos e fãs. Sobrevoando a residência, um helicóptero de uma das emissoras de TV e outros da polícia. Este é o quadro que expressa a existência de um acontecimento. Aos poucos, o próprio quadro vai ganhando atributos hierárquicos: a polícia organiza o ambiente a partir de um critério de aproximação máxima da mídia e dos curiosos. Condições de aproximação são determinadas, tanto em relação ao ar – com a exigência de afastamento do helicóptero –, quanto ao recuo das equipes da mídia que estão no solo. Essa espécie de tática de convivência momentânea transforma-se imediatamente em informação: a própria mídia encarrega-se de mostrar-se distante da casa.

Enquanto isso, a casa, as viaturas, a polícia preenchem a solicitação mais elementar da abordagem televisiva: imagens. Aparece um advogado, contratado pela família do seqüestrador e se declara, “midiaticamente”, disposto a participar das negociações. Alguns policiais dão entrevistas desalentadoras, para quem precisa de substituir a imagem visual por um testemunho verbal: pela posição em que se encontravam o seqüestrador e o seqüestrado não havia possibilidade da polícia vê-los, ou seja, também à polícia é vedada a visão.

O foco percorre os curiosos e neles identifica um jovem que declara ter vindo de longe para acompanhar de perto, diz ser fã de Sílvio e exhibe uma tatuagem no ombro que tem a face do apresentador. Uma senhora de meia idade declara ter ido até ali com o propósito de se oferecer

para ficar no lugar de Sílvio, alega que ele faz muito mais pelo mundo do que ela.

Nos estúdios, tentativas de preenchimentos são colocadas, retirando, momentaneamente, de foco aquele cenário imóvel. Os âncoras dialogam com os repórteres que estão fazendo a cobertura, recordam o sequestro da filha do apresentador. A rede Bandeirantes tem um furo que se revela riquíssimo em meio à carência de imagens: sua equipe conseguiu filmar imagens da família de Sílvio Santos que saíra de casa, ainda com roupa de dormir, logo no início do sequestro. Sabe-se, portanto, que o apresentador está sozinho com o seqüestrador. Na cobertura da Band, a sua antecipação é notícia, enquanto que as outras emissoras veiculam as imagens cedidas, dando o crédito à concorrente.

Depois do estúdio, o retorno ao cenário. É relatado tudo novamente. Sílvio acordara e fora tomar café da manhã na cozinha que fica próxima à sala de ginástica. Fora surpreendido pelo seqüestrador de sua filha que, por sua vez havia matado dois policiais e alvejado um terceiro, num flat em Barueri, na noite anterior. Fugira, pela parte externa do flat, conseguira escapar de um cerco e se dirigira à residência do empresário. Aí, as emissoras conseguiram mais imagens. Agora é o flat, é a já conhecida técnica, muito usada na reportagem policial: a reconstrução dos fatos. O soldado baleado é localizado no hospital. É a partir de seu depoimento e das informações coletadas junto aos funcionários do flat que o real é simulado. Uma nova informação é adicionada: Fernando Dutra Pinto está de cabelos loiros.

O local “inatingível” conta com a presença de uma médica que fora chamada para atender ao seqüestrador que estava ferido com um tiro. Há cogitações sobre a saúde de Sílvio Santos, especificamente em relação à pressão.

E eis que chegam ao foco principal o pai e irmãs de Fernando: mais imagens de pouca monta. A extenuante cobertura começa falar que Fernando vai se entregar com a presença do pai. A mídia passa a prometer que as coisas vão se resolver nos próximos momentos.

O seqüestrador exige a presença do secretário de segurança pública. Aparecem policiais portando quatro coletes à prova de bala. Uma outra série de conjecturas se

desenrola: para quem os quatro coletes? Era mais um indício do fim daquele impasse.

Mas o seqüestrador pede mais: agora era a vez do governador. Agora sim, os acontecimentos geram imagens satisfatórias, com a chegada do governador. São antepostos escudos diante do chefe do estado paulista e ele some, entra naquele lugar impenetrável.

Passam-se poucos minutos e as viaturas começam a fazer movimentos. A garagem é focalizada como provável lugar de saída do seqüestrador. É dada a partida de todos os carros. Uma das emissoras não crê que Fernando Dutra tivesse saído. As imagens ainda estão “blindadas”. Sílvia aparece e leva o governador até a saída de sua residência. Os representantes da polícia dão declarações rápidas, o suficiente para se assegurar que tivera havido falha na operação policial na noite anterior.

Trata-se de uma cobertura televisiva que abre mão da freneticidade das imagens, podemos dizer que é um slow-show, baseado num acordo implícito no qual se assegura que ao final haverá uma compensação pela monotonia. É muito diferente dos segundos dedicados às notícias “sem relevo”. Assim, a menor quantidade – um seqüestrador e uma vítima – ocupam o tempo de todos os casos que ocorrem simultaneamente – as próprias emissoras davam conta de que estava havendo, naquele instante, outras ocorrências de sequestro na cidade de São Paulo, isto sem falar de outras formas de violência.

Este exemplo nos consente dizer que não é impossível elaborar um pouco mais os produtos midiáticos relativos à violência, ou seja, não é o tema que determina aquela comprometedor velocidade. O problema está relacionado com os envolvidos no acontecimento ou com a própria qualidade do “enredo”.

A violência ordinária envolve vítimas e algozes, normalmente pobres. A multiplicação de casos, mais ou menos iguais, leva ao uso de um modelo de enunciação pré-estabelecido. Tanto a mídia quanto boa parte da sociedade não vê como algo muito estranho ou extravagante acontecimentos dessa ordem. São, antecipadamente, suprimidas imagens das casas da vítima ou do criminoso, mesmo nos casos em que, em termos comparativos, o volume de violência empregado é maior que aquele sequestro mobilizador das atenções.

O tratamento diferenciado é aplicado a ordens desiguais de violência. É muito diferente a abordagem de um conflito na África e na Europa, por exemplo. Pode-se dizer que há guerras de primeira e de segunda, de acordo com a atenção conferida midiaticamente (que é claro, está relacionado com a distribuição e qualidade de poderes envolvido). Comparando a tragédia que ocorreu há poucos anos em São Paulo, quando, em Osasco, parte de estrutura de um shopping center desabou, com a tragédia que aconteceu em Santo Antônio de Jesus, no interior da Bahia, devido ao incêndio dentro de uma das fábricas de fogos da cidade, encontramos tratamentos muito diferenciados, apesar do volume de vítimas alto em todos os dois casos. É como se houvesse eventos mais “naturalmente” midiaticáveis que outros.

Retornemos à casa de Sílvia Santos. Não há vocábulo mais adequado para se referir àquela fachada que a palavra imóvel. E é bom recordar que, imaginariamente, a luta entre o bem e o mal é travada entre alvos supostamente claros, fisicamente palpáveis. E era ali, no interior daquele ponto fixo que estavam o joio e o trigo. Na disputa simbólica que é travada através da mídia, a vítima é heróica e sua legitimidade é ampliada, confirmada. O absurdo do ato não é a violência em si. O que mais comove é o contraste entre os méritos do apresentador e a sua situação de vítima. E essa espécie de não conformidade que qualifica a questão, muitas vezes, durante a cobertura televisiva. É como se a imagem consagrada de Sílvia Santos devesse blindá-lo de todo o mal.

Se nosso ideal de segurança fosse esse, teríamos que perseguir a fama, teríamos que ser, como tenho classificado, vítimas de grife. Seria uma sociedade sem massa, sem público: um mundo cheio de estrelas. Entre esse mundo impossível e o que temos atualmente, há outros a serem cogitados, baseados numa concepção de sociedade em que prevalece a cidadania para todos. Nesse novo mundo, também os meios de comunicação precisariam rever as classificações e ultrapassar as distâncias que se revelam em suas enunciações que colocam o mundo dividido entre aqueles acontecimentos, naturalmente midiáticos contra a grande massa dos fatos sem mídia.